

RESENHA

CHALHOUB, SIDNEY - VISÕES DA LIBERDADE, UMA HISTÓRIA DAS ÚLTIMAS DÉCADAS DA ESCRAVIDÃO NA CORTE. São Paulo, Cia. das Letras, 1990.

MARÍLIA PESSOA MONTEIRO
Universidade Federal de Pernambuco

O livro de Sidney Chalhoub já recebeu "orelha" que vale como resenha. Robert Slenes diz que é "livro que se lê como romance", no que lembra a recomendação de Marc Bloch (Introdução à História) aos historiadores para que evitem "retirar à nossa ciência o seu quinhão de poesia e sobretudo corar por isso, porque seria tolice julgar que pelo fato de exercer sobre a sensibilidade apelo tão forte, a história fosse menos capaz de satisfazer também a nossa inteligência" (p. 15). Sábia lição, aprendida por Chalhoub, ao revisar os porões da escravidão na perspectiva da senzala. Seu objetivo, construir uma teoria a respeito da lógica da mudança, recuperar a imprevisibilidade do acontecimento para compreender "o sentido que os personagens históricos de outra época atribuem às suas próprias lutas" é plenamente atingido. Trabalhou para isso os arquivos do 1º Tribunal do Juri do Rio de Janeiro e as Ações Cíveis de Liberdade do Arquivo Nacional - na 2ª metade do Séc. XIX - para entender as mudanças históricas que resultaram aspectos da experiência dos escravos da Corte, "seus modos de pensar o mundo e atuar sobre ele" - Persegue assim um significado de liberdade menos linear e mais abrangente, inferido menos do que disseram governantes e proprietários e mais dos depoimentos de negros nos processos cíveis e criminais que tratam deste anseio de liberdade forjada na experiência do cativo.

O 1º Capítulo - Negócios da Escravidão - critica a teoria do escravo - coisa em Perdigão Malheiros, aceita por tantos outros. Avalia a atividade dos escravos diante da rotatividade traumática a que são forçados até transformaram-se por força da luta em algo mais complexo do que simples mercadoria de troca. Analisa também as consequências do tráfico interno, gerador do "medo branco" no sudeste repleto de negros.

No 2º Capítulo, que dá título ao livro, a análise das ações cíveis de liberdade mostra que os escravos espreitam brechas abertas no sistema para discutir suas "visões da liberdade". Discute o ventre-livre com farta documentação que a "contra-peso" apontam a impaciência dos escravos por direitos arrancados, não concedidos, rumo à desorganização do sistema.

É crítico implacável da opção jurídico-parlamentar de Nabuco e outros abolicionistas iluminados, detentores do "mandato da raça negra" que falam por ela e a calam.

No 3º e último capítulo - Cenas da Cidade Negra, ressalta o medo branco com o problema disciplinar na Corte que até 1850 guardava a maior população escrava do país. Crescia o número de escravos que corriam as instituições para concretizar no papel o já consagrado pelos costumes. São passos que elevam a tensão social a níveis alarmantes, desmantelam conteúdos ideológicos cruciais para manutenção da escravidão, enquanto aproximam a liberdade. "A cidade que esconde é a mesma que liberta".

Ao terminar a leitura do livro da Chalhoub obtém-se presença viva do negro, nem herói, nem vítima, protagonista primeiro da luta pela liberdade. Ao juntar "cacos e vestígios" Chalhoub encontra uma visão de liberdade extraída das lutas engendradas de dentro do cativeiro "por sujeitos históricos que conseguiram politizar a rotina e, assim, transformá-la".